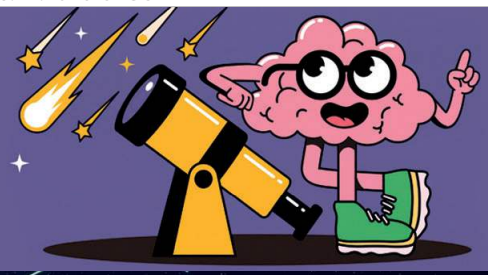
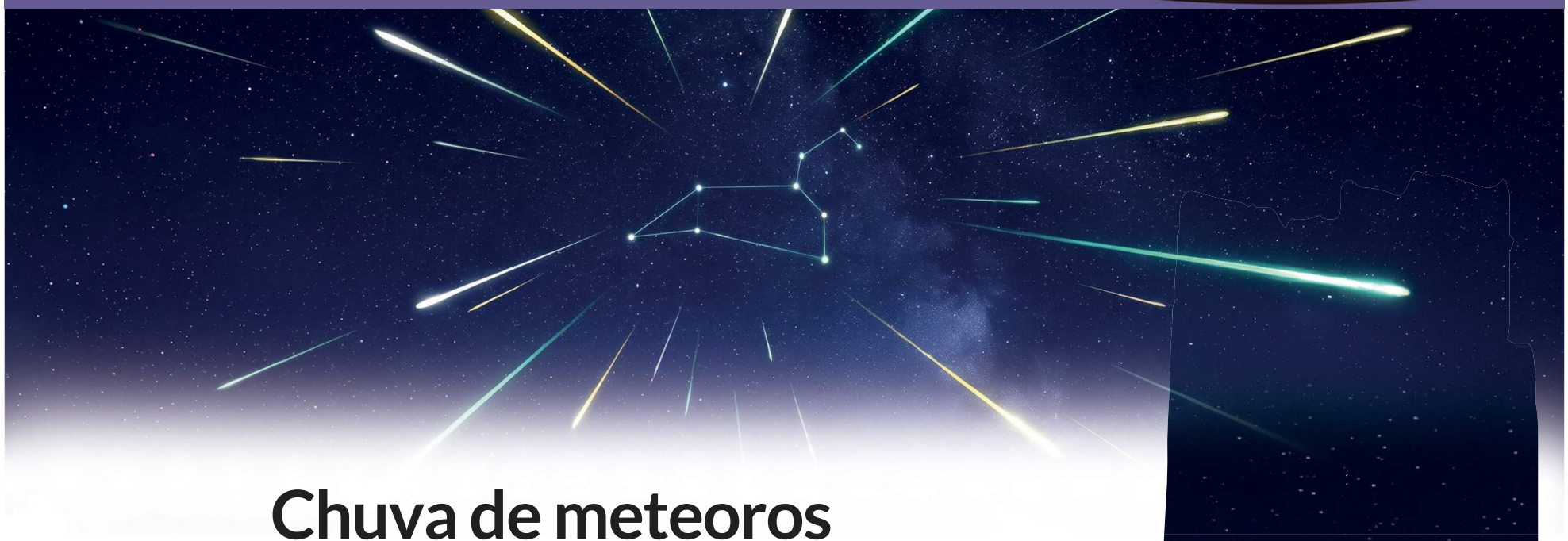
Jornal na SALA DE AULA





Chuva de meteoros

Nos últimos dias, tivemos a oportunidade de acompanhar mais um espetáculo da astronomia: a chuva de meteoros Leônidas. Embora seu pico máximo tenha ocorrido na madrugada entre os dias 17 e 18 de novembro, o fenômeno continua ativo até o final deste mês. Ou seja, mesmo depois da data de maior intensidade, quem olhar para o céu durante a madrugada ainda pode observar alguns rastros luminosos cruzando a escuridão. Mas, afinal, o que são essas "estrelas cadentes"?

Na verdade, não são estrelas caindo, e sim pequenos fragmentos de poeira e rocha deixados no espaço pelo cometa 55P/Tempel-Tuttle. Todos os anos, em novembro, a Terra atravessa essa trilha de detritos. Quando essas partículas entram na nossa atmosfera a cerca de 70 quilômetros por segundo, o atrito com o ar faz com que elas se aqueçam e queimem, criando os riscos brilhantes que vemos daqui. O nome Leônidas vem da constelação de Leão, que é o ponto do céu de onde os meteoros parecem surgir — o chamado radiante. A cada 33 anos, aproximadamente, quando o cometa passa mais perto do Sol e deixa uma nuvem mais densa de poeira, esse fenômeno pode se transformar em uma verdadeira tempestade de meteoros, com centenas de aparições por hora.

Em 2026, a atividade é mais moderada, mas ainda rende belos registros, especialmente de meteoros muito rápidos e brilhantes. Para quem perdeu o pico das Leônidas ou quer continuar explorando a temática, o calendário cósmico não para por aí. Ainda temos a chuva Táuridas do Norte, ativa até o início de dezembro e, logo depois, entre os dias 4 e 17 de dezembro, chega a vez das Geminídeas, considerada uma das chuvas de meteoros mais intensas e coloridas do ano, com pico previsto para as noites de 13 e 14 de dezembro.

Observar uma chuva de meteoros nos ensina uma lição valiosa: desacelerar e olhar para cima. Em um cotidiano cheio de telas e pressa, reservar alguns minutos longe das luzes artificiais para contemplar o céu noturno nos conecta com a ciência e com a imensidão do universo. Mesmo sem telescópios ou equipamentos caros, a curiosidade continua sendo a melhor ferramenta para descobrir o mundo ao nosso redor, você não acha?

Fonte: www.imo.net

Dica da semana

Convide sua turma para criar um painel, com desenhos e textos sobre como funciona uma chuva de meteoros, explicando a diferença entre cometa, meteoroide, meteoro e meteorito.

Depois, elaborem um guia simples de observação do céu noturno, com dicas de horários, locais com menos poluição luminosa e como identificar a constelação de Leão. Listem argumentos e expliquem o porquê de combater a poluição luminosa nas cidades, tanto para a observação astronômica quanto para o equilíbrio ambiental.



Converse com seus colegas e professores. Juntos, organizem atividades de divulgação científica. Cada turma pode ficar responsável por uma pauta de astronomia e curiosidades espaciais. Exemplo: a turma A organiza uma exposição de maquetes do Sistema Solar e da órbita dos cometas. A turma B pode montar um mural com o calendário astronômico de dezembro, destacando a chuva de meteoros Geminídeas e as fases da Lua. A turma C pode ajudar, registrando fotos do céu noturno, pesquisando aplicativos gratuitos de astronomia ou entrevistando estudantes sobre o que já observaram no céu.

Junto à comunidade, é possível organizar uma "Noite de Observação do Céu" no pátio ou na quadra da escola, apagando as luzes por alguns minutos para observar estrelas, planetas e possíveis meteoros. Além disso, a turma pode produzir pequenos boletins informativos ou podcasts para a rádio escolar. Convide a gestão e troque ideias sobre isso com seu(sua) diretor(a). A ciência e a curiosidade agradecem!

